# AGNELLO BITTENCOURT

## CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

14 DE DEZEMBRO DE 1976

O Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, a Academia Amazonense de Letras, a Prefeitura Municipal de Manaus, a Secretaria de Estado da Educação e Cultura e a Maçonaria Amazonense vêm de comemorar a passagem do centenário de anscimento do Professor Agnello Bittencourt, cabendo à última entidade o encargo de difundir a vida e a obra do saudoso mestre de inúmeras gerações amazonenses.

E o faz, propositadamente em forma sintética, para permitir, na simplicidade das palavras, uma leitura amena e acolhedora, endereçada, especialmente, aos jovens estudantes, para que eles melhor apreciem e admirem a fecunda existência de um dos grandes vultos do Amazonas.

A sua vida foi glorificada por atividades diversas e calcada em várias manifestações do saber humano, aqui trazida desde a sua infância, cof o apuro moral adquirido no aconchego dos seus ancestrais, até os instantes finais de sua existência, em cujo período, lúcido e altivo, teve nas ciências e nas letras uma das suas maiores preocupações, porque a maior, inegavelmente, fora na esfera do magistério.

Tudo o que se disser sobre o vulto de Agnello Bittencourt será insuficiente diante da grandeza do seu comportamento, quem em relação aos seus semelhantes, quer na desenvoltura dos conhecimentos que legara, propiciando, a quantos o sucederam, novos procedimentos em busca de novas motivações para as suas atitudes e para os seus espíritos.

Manaus, 14 de dezembro de 1976.

GRANDE LOJA DO AMAZONAS E TERRITÓRIOS LIMÍTROFES

Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes

Nasceu o Professor Agnello Bittencourt no Estado do Amazonas, em 14 de dezembro de 1876.

Foram seus genitores o Coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Governador do Estado e Dona Antonia de Andrade Bittencourt, dama de elevadas virtudes, dos quais recebera a admirável educação que haveria de transmitir aos seus sucessores e aos seus semelhantes.

Na sua infância aprendera a ser discreto e reservado nos seus pensamentos, preferindo ouvir as manifestações das pessoas mais idosas, para não infringir a regra dos bons tons e das boas maneiras, bastante observada no seu tempo de criança.

As lições que lhe foram ministradas durante o ensino das primeiras letras, ditavam normas de comportamento exemplar, mostrando aos estudantes como deveriam portar-se diante dos pais e dos professores, bem como no recesso do lar, nas comemorações festivas e nas caminhadas pelas ruas da cidade. Era a época em que o convencionalismo se articulava em preceitos, necessários e indispensáveis ao respeito entre todos os que compunham a sociedade. Era a época em que as anedotas picantes se não faziam ouvir pelos mais jovens e a compostura se apresentava obediente a um verdadeiro código moral, que ninguém procurava violar, para não perder a sua autoridade.

Pertenceu a uma geração que se envolveu na campanha pela abolição da escravatura e tivera ele, na figura exponencial do seu tio Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, um dos mais devotados e fervorosos defensores do negro escravo no Amazonas. Envolvera-se, igualmente, a sua geração, no processo republicano brasileiro, bem como nos procedimentos de organização e consolidação do regime implantado em 1889.

Soube superar as transformações sociais que se verificaram durante a sua longa e profícua existência, impondo-se sempre pela sua altiva conduta, herdada do seu velho pai, transferindo essa conduta a todos os seus filhos, que se hão portado, na turbulência dos dias modernos, com as mesmas atitudes que dignificam o homem e servem de rastro aberto e luminoso à juventude atual.

Depoimento do seu filho Ulisses Bittencourt, dá o testemunho do prazer do seu convívio em família, da sua gentileza e trato constante, e, sobretudo, da tranqüilidade que amparava o seu espírito. Não era neurastênico nem nervoso. Recebia os filhos e os amigos com afeto invulgar, convidando-os sempre para um guaraná ou para o almoço. Aos menos abastados, que o visitavam, não deixava de fazer caridade, discretamente, mesmo quando a sua reserva financeira estava no fim.

Casando-se por duas vezes, teve, em ambos os matrimônios, a felicidade de ligar o seu coração a dois outros extremosos corações, que se chamaram Tertulina de Melo Bittencourt e Zulmira Uchôa Bittencourt, os três, agora, na ambiência bendita do azul celestial.

## NA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

Embora não fosse político — pois o ensino seria o motivo maior do seu intenso labor — exercera o cargo de Superintendente Municipal de Manaus, por pouco tempo e disso ele bem o sabia, pois achar-se-ia acima dos preconceitos da amizade e deferência que o ligavam às administrações anteriores à sua gestão, tendo, antes de tudo, a responsabilidade da função com que lhe distinguira o Governo do Estado.

Nomeado que fora, pelo Desembargador Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto para a Chefia do Executivo manauara, tomou posse em 20 de agosto de 1909, deixando esse cargo em 12 de julho de 1910, por motivo de doença e viagem ao Velho Continente.

Seria um administrador dos bens públicos municipais, gerindo-os com a sua costumeira honestidade e os mais sadios propósitos na solução dos problemas que se acumulavam na cidade na primeira década do século atual.

Por isso mesmo, preocupara-se com o aterro da avenida 13 de Maio a avenida Getúlio Vargas de hoje cuja obra era exigida em benefício da salubridade e do embelezamento de Manaus, reclamada com urgência, para a extinção dos grandes focos de infecção palustre que ali existiam.

A assistência à pobreza não lhe fora alheia, tanto assim que a tornara em ponto vital de sua administração.

Propugnara pelo recolhimento dos mendigos a um estabelecimento específico, onde fossem tratados carinhosamente e com o devido conforto a fim de que a cidade não ficasse exposta ao triste quadro de pedintes estendendo a mão à piedade cristã.

Não tardaria muito, instalado estava o Asilo de Mendicidade Doutor Thomas, cientista inglês que vivera anos seguidos em Manaus, desejando ser sepultado nesta cidade, no que foi atendido.

O administrador não se desvinculava do professor. Tanto é verdade que, como Superintendente, idealizara e concretizara a criação de uma Escola de Comércio, nada obstante as lisongeiras condições financeiras do Erário Municipal. Sabia, porém, que a implantação de um centro de educação profissional teria caráter produtivo, proporcionando reais vantagens à juventude estudiosa, pois o comércio, como bem diria, é a alavanca mais poderosa do progresso.

Sabia que o futuro do Amazonas dependia do cuidado e do método com que eram feitas as transações dos seus produtos, como da maneira de assegurar os seus capitais em desenvolvimento.

Procurava, com o seu idealismo, através de uma educação profissional, orientar os processos de permuta, para o melhor êxito dos respectivos mercados.

A sua aspiração tomara corpo e vida com a Lei nº 528, de 26 de novembro de 1909, que permitira a fundação, em 26 de fevereiro de 1910, da Escola Municipal do Comércio, que recebeu o nome de Solon de Lucena, digno Governador do Estado da Paraíba, que atendera com toda a solidariedade, aos pedidos de socorro indispensável a minorar os sofrimentos das populações apavoradas com as enchentes do rio Amazonas e seus tributários, no ano de 1909.

No ano seguinte, 1910, fora distinguido, como Superintendente, para participar do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola, que a Associação Comercial do Amazonas realizaria, pela primeira vez, na cidade de Manaus.

E não se furtara ao amável convite, por saber que compareceria a um conclave onde o congraçamento de todas as forças produziria impulsos expansivos e úteis à conquista comercial, industrial e agrícola do Amazonas.

Na sua administração, a capital amazonense passou por notáveis melhoramentos: duplicação das linhas de bondes, substituição do material elétrico, novo serviço de canalização dágua, lançamento da rede de esgotos, calçamento de ruas, bem como construção de grande número de edificações particulares.

Em pouco tempo, fez muito pela cidade que lhe serviu de berço.

## NAS LETRAS E NAS CIÊNCIAS

Pertenceu à Academia Amazonense de Letras, ocupando a cadeira cujo patrono é Gonçalves Dias, ao lado de outros grandes vultos, como Adriano Augusto de Araujo Jorge, Alfredo Augusto da Mata, André Vidal de Araujo, João Leda, Huascar de Figueiredo, Péricles de Morais e tantos outros, do mesmo e maravilhoso quilate, que estão na presença mais próxima e na companhia mais aconchegada do Criador.

rinho humano.

Estava permanentemente vinculado a esse sodalício, pois jamais deixou de lhe dar conta de suas manifestações de inteligência, mesmo em sua idade quase centenária, emprestando, a esse centro de cultura, a beleza de sua intelectualidade, a nobreza de seus conhecimentos e a capacidade de sua prodigiosa memória.

A 25 de março de 1917, juntamente com Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, Henrique de Souza Rubim, Vivaldo Palma Lima, Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt e Manoel de Miranda Simões, fundava o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Foi o último sobrevivente dessa falange magnífica de espíritos dedicados à desenvoltura dos estudos da cultura universal.

Inicialmente, como Secretário, e depois, como Presidente dessa entidade, soube promover um carinhoso trabalho de organização e progresso de todos os setores de atividade do soligeu, permitindo a continuidade de sua missão frente às gerações que se sucedem.

A sua presença nesse Instituto refletia-se constantemente, a princípio, com os seus trabalhos sobre geografia e história, nas sessões que se realizavam, e, depois de sua transferência para o Rio de Janeiro, através de suas mensagens de apreço e de solidariedade, todas elas expressando o seu devotado entusiasmo e a sua permanente euforia pela constância com que a Casa da Memória continua a perseguir um de seus grandes objetivos — o de promover o desenvolvimento e a difusão da cultura amazonense.

Integrou, também, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade Brasileira de Geografia, o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, o Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, a Academia de Letras do Acre e a Federação das Academias de Letras do Brasil.

Teve presença distinta em Congressos Nacionais de Geografia, na Comissão Censitária Nacional e em Reuniões Nacionais de Educação — quer esses eventos se realizassem na então capital do País ou em diversas unidades da Federação Brasileira.

Em 1920 e em 1940, exerceu o cargo de Delegado dos respectivos Recenseamentos, no Amazonas, desempenhando-o com relevante e patriótico civismo, com ardor e abnegação, voltando as suas ações para o desenvolvimento brasileiro.

Dentre as obras que escrevera, destaca-se a sua Corografia do Amazonas, que, mais tarde, atualizada, encontra-se inédita.

Deixou, nas letras e nas ciências, uma série de válidos e proveitosos conhecimentos todos eles embasados numa filosofia de ca-

## NO MAGISTÉRIO

Agnello Bittencourt fora um eterno Professor.

Os depoimentos do Padre Raimundo Nonato Pinheiro, dos escritores Genesino Braga, Waldemar Batista de Sales, João Mendonça de Souza, Ildefonso Pinheiro, João Nogueira da Mata e dos Professores Mário Ypiranga Monteiro e Arthur Cesar Ferreira Reis, comprovam a assertiva.

Inolvidáveis ficarão os serviços excepcionais que desenvolveu no setor da instrução pública, onde se iniciou como Professor primário em escola interiorana, por vontade própria, ainda em plena juventude, já diplomado pelo Instituto Nacional Superior, em 1895, havendo antes feito o seu curso elementar no Colégio "13 de Maio", sob a orientação do Professor Alexandre dos Reis Rayol, um dos mais conceituados educadores de sua época, para, depois, exercer o magistério secundário em vários estabelecimentos de ensino da capital amazonense.

Consagrou-se, por concurso, como catedrático da cadeira de Geografia Geral e Corografia do Brasil, no Ginásio Amazonense Pedro II, de onde sairia aposentado, como prêmio à sua dedicação e ao seu esforço a prol de uma causa tão nobre e tão sublime.

Dirigiu o Grupo Escolar "Silvério Nery", o Ginásio Amazonense e a Escola Normal, tendo sido, também, Inspetor do Ensino em Manaus.

Exerceu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública, onde deixou bem marcado o seu trabalho e o seu empenho a favor do ensino no Amazonas, nomeado que fora, em 1924, pelo Interventor Federal Doutor Alfredo Sá, eminente político mineiro que soube disciplinar a situação sócio-político-econômica do Estado, após a revolução chefiada pelo então Tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior, em 1924, deixando esse mesmo cargo em 1930, quando a 12 de agosto desse ano, ardorosos ginasianos revoltaram-se em seu estabelecimento de ensino e um dos seus filhos se tornara vítima das medidas e violências policiais, que se não coadunavam com os princípios e os sistemas de um novo período da vida brasileira.

Realmente, novos processos já se apresentavam à sociedade e os ginasianos de 1930 a eles se agrupavam no entusiasmo de jovens que aspiravam pela grandeza nacional e tinham confiança na substituição dos modelos antiquados e inoperantes para o fulcro da evolução nacional.

Ao lado de outro grande mestre — Plácido Serrano Pinto de Andrade — soube repelir, com a necessária coragem, as ações violentas praticadas contra esperançosos estudantes, que, no seu idealismo, punham-se à disposição da vanguarda política que iria criar, como de fato criou, uma nova etapa na história brasileira.

Ministrou, por concurso, na Escola Municipal de Comércio "Solon de Lucena", elogiáveis aulas na cadeira de Geografia Econômica e História das Indústrias e do Comércio, honrando-a e fazendo lembrar o seu nome por inúmeros jovens diplomados por essa igualmente tradicional casa de ensino.

Era membro da Sociedade Amazonense de Professores. Seu Presidente de Honra.

Em 1946, recordara os seus cinqüenta anos de atividades magisteriais, aproveitando a oportunidade para protestar contra a anulação das acumulações remuneradas, em resultado do que o ensino no País sofrera a degola de notáveis professores, homenageando, nessa mesma ocasião os saudosos mestres Carlos Pinho, João Machado de Aguiar, Francisco Antonio Monteiro de Souza, Plácido Serrano Pinto de Andrade, Goetz de Carvalho, Eugênio Belmont, Geraldo Amorim, Coriolano Durand, Carlos Salvador de Oliveira, Heliodoro Balbi, Francisco Ferraz, Cônego Israel Freire da Silva, Rodrigo Costa, Raimundo Filgueira, Abner Amaral, Araujo Lima, a cujas memórias se curvava reverente e agradecido.

Lembram-se os seus alunos das aulas maravilhosamente explicadas, eficientemente ministradas, metodicamente esclarecidas e excelentemente compreendidas.

Nas lições teóricas ou nas lições práticas que ensinava, estava sempre o seu saber de mestre insigne e paciente, porquanto, simultaneamente, esplanava a verdade dos acontecimentos que a todos transmitia, com perfeição e carinho, bem como revelava a sua tolerância diante das inquietações dos discentes, sempre ele próprio a dissipá-las com amor e generosidade.

Agnello Bittencourt foi um Mestre na Pátria Brasileira.

## NA MAÇONARIA

Em 1872, um grupo de Maçons residentes em Manaus, dentre eles, alguns militares que haviam servido na guerra do Paraguai, reuniu os seus pensamentos e os seus desejos e fundou a Loja "Esperança e Porvir", de onde, cinco anos após, sairiam novos Obreiros da Arte Real com a incumbência de instalarem a Loja "Amazonas", ambas animadas, em 1884 ,na vitoriosa campanha a favor da libertação dos escravos, cujo feito memorável e histórico se processou a 10 de julho daquele ano, sob a aclamação de um povo ávido pela dignidade social de todos os brasileiros.

Nos últimos anos do século passado, a política parecia separar os corações e as idéias de homens que se não deixaram vencer pelas incompatibilidades e pelas malquerenças, porque envoltos numa corrente de harmonia e compreensão, e eis que surge, em 1894, a Loja "Conciliação Amazonense", reacendendo o fogo sagrado da união e da fraternidade, no sentido de que todos os seus fundadores, à frente o notável jurista Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, bem como os continuadores dessa obra, empregassem os seus esforços e as suas luzes no papel grandioso da indagação da verdade, no estudo da moral e da prática da solidariedade.

Pois bem. Foi essa Oficina Maçônica que recebeu o Professor Agnello Bittencourt, iniciado pelo seu próprio genitor, o Coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, em 12 de agosto de 1899, alcançando na mesma data, a respectiva plenitude de direitos e deveres perante a Instituição Maçônica, numa idade muito jovem, é verdade, mas possuindo o necessário senso de responsabilidade para dar cobro aos compromissos que havia assumido com essa nova missão, ou seja, a de construtor social.

Decorriam os anos e aflorava nas suas aspirações a grandeza da Ordem, pela qual, com os seus entendimentos melhormente aprimorados, empregou tudo de si, muitas vezes lutando contra as incoerências e as incompreensões de quantos, até mesmo por interesse político, se tornaram hostis à doutrina maçônica.

Venerável, por várias vezes, de diversas Lojas desta capital, a sua figura se notabilizou, imprimindo sempre aos seus companheiros o devido respeito e a devida disciplina. Sim, porque nascera, se criara e se educara numa geração em que era essencial o equilíbrio das atitudes comprometidas.

Detentor do grau mais elevado e luzidio da Maçonaria, o respeitável Maçom obteve, a golpes de tenzaes esforços, as mais gloriosas honrarias e os títulos mais dignificantes, justos e merecidos.

Onde quer que se agitasse um movimento em que a Maçonaria levasse o seu grande prestígio, já a favor da Pátria, já a favor da Humanidade, lá estava o eminente Maçom, com as luzes da sua sabedoria, com a sua vontade férrea e a sua capacidade invulgar, prestigiando, desse modo, as grandes causas, na oportunidade dos envolvimentos sociais.

Tornou-se Grande Benemérito da Maçonaria Amazonense e Membro Emérito do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito para a República Federativa do Brasil.

Não foi, porém, por acaso, que alcançou essas benemerências, porquanto a sua trajetória maçônica, em mais de setenta anos, lhe autorizava, bem justificadamente, o recebimento dos maiores galardões.

Secretariou, em 1º de agosto de 1915, a fundação do Dispensário Maçônico, entidade que ainda existe na assistência aos necessitados da capital amazonense.

Dentre os Maçons presentes naquela ocasião, destacavam-se os Coronéis José Cardoso Ramalho Júnior e Pedro de Alcântara Freire, que muito trabalharam na política administrativa do Amazonas.

Em 1920, na qualidade de Grande Secretário do Grande Oriente Estadual do Amazonas, convicto de que a Maçonaria não regatearia o seu apoio patriótico ao Censo Demográfico e Econômico que se iria verificar no País, escrevia a todos os Veneráveis Mestres da Obediência, concitando-os a não faltarem, com o seu civismo, à cooperação pelo sucesso do grande empreendimento nacional. Não era, então, apenas o Maçom que se fazia expressar em mensagem magnífica; era, igualmente, o professor de história e geografia conhecedor dos problemas brasileiros.

Também, no mesmo ano, em 27 de novembro, ocupando, ainda, o aludido cargo proclamava o papel relevante da Maçonaria diante do ensino, demonstrando como o fez em toda a sua existência, ser sempre um mestre.

Em agosto de 1930, ao solicitar exoneração do cargo de Diretor Geral da Instrução Pública, por não concordar com as violências policiais contra os ardorosos ginasianos que acompanharam a campanha política de renovação dos costumes no País, dentre os quais se achava o seu filho Mário Bittencourt, recebeu a solidariedade e o conforto da Maçonaria, agradecendo, depois, em comovida missiva, as palavras de apoio e de carinho, que ouvira dos lábios de quantos o homenagearam, a propósito do seu afastamento voluntário daquele cargo, palavras que calaram no fundo de sua alma, abrolhando em seus ânimos, cada vez mais vivos, os sentimentos de uma educação verdadeiramente maçônica.

Como Grão-Mestre Adjunto, em exercício, mostrava, no relatório de 1936, o seu permanente interesse pelo combate ao analfabetismo, numa ação vigorosa de criação e manutenção de escolas de ensino elementar, tanto em Manaus, como no interior do Amazonas.

Substituira, em 1942, o Desembargador Hamilton Mourão, no Grão-Mestrado do Grande Oriente do Amazonas e Acre, permanecendo nesse cargo, até o ano de 1952, com a mesma fidalguia, a mesma sapiência, a mesma força e a mesma beleza dos seus ilustres antecessores.

Promulgou a Constituição Maçônica de 1º de janeiro de 1945, ostentando os títulos civis de Lente Catedrático do Colégio Estadual do Amazonas, Membro da Academia Amazonense de Letras e Membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Tivera o ensejo de elaborar o tema "Idealismo Maçônico Universal", que concorreu brilhantemente ao Segundo Congresso Maçônico das Potências Simbólicas do Brasil, realizado na cidade do Salvador, capital do Estado da Bahia, em novembro de 1948.

Como um dos redatores responsáveis pelo "Boletim Maçônico", que contava, dentre outros, com Francisco Farias de Carvalho, Virgílio Xavier de Souza, Gastão de Castro e Celino Menezes, deixou, nesse órgão de difusão e propaganda dos ideais da Instituição, os mais brilhantes e sérios artigos de natureza diversa — política: ao relatar a revoluço de 23 de julho de 1924, no Amazonas; pacifista: ao abordar a grandeza do panamericanismo; educacional: ao expor a influência do livro no aprendizado das inteligências; patriótica: ao estudar a evolução da nacionalidade; ideológica: ao combater os credos extremistas; e maçônica: ao apreciar o relacionamento da Maçonaria nos processos de desenvolvimento da Humanidade.

Repudiou a pena de morte.

Pensador maçônico, que o era, de fina estirpe, como José de Sales Cavalcante e Giuseppe Pagani Vulcani, exprimiria o seu conceito sobre a Maçonaria, considerando-a como um organismo de trabalho no silêncio dos seus Templos, distante dos tumultos e das paixões que ainda se acumulam na espécie humana.

Sempre propugnou pelo respeito à dignidade humana, traduzindo esse respeito no aperfeiçoamento de cada individualidade, no sentido de que cada qual, com as suas iniciativas e o seu comportamento melhor contribua e colabore, com as melhores manifestações, na grande obra, livre e soberana, de desenvolvimento político e social de todos os povos.

Antes de terminar o seu mandato de Grão-Mestre, passara a residir no Rio de Janeiro, ao lado generoso e feliz de seus mais íntimos familiares, recebendo, na magnitude do seu lar, a visita constante dos que o conheciam e admiravam, a todos acolhendo com a sua extraordinária bondade e a todos relembrando a sua vivência no Amazonas.

Ainda aqui viera, podendo se reviver a sua estada, em 23 de novembro de 1953, para assistir à homenagem maçônica que se prestara ao saudoso Grão-Mestre Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, na data do centenário do seu nascimento, empolgando com as suas palavras de agradecimento fraternal.

Tinha o pendor da comunicação, pela palavra escrita ou oral, de uma forma ou de outra, sabendo transmitir e convencer, com o máximo sucesso — transmitir as suas idéias e as suas lições; convencer com os seus argumentos e a sua vitalidade — prendendo a atenção geral com uma linguagem primorosa, que exprimia, em cada frase, um ensinamento permanente.

Encontrava-se a Delegação da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes participando, na vibrante e progressista cidade de Campo Grande, no glorioso e vasto Estado de Mato Grosso, da IX Assembléia Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, que iria debater, como realmente debateu, a respeito da solução de inadiáveis e urgentes problemas de interesse nacional, relacionados, inclusive, com o comportamento e a vivência da juventude do País, quando, inesperadamente, chega o evento triste: morreu Agnello Bittencourt!

Era o dia 19 de julho de 1975.

## POST MORTEM

Em homenagem à lembrança do inesquecível conterrâneo, a IX Assembléia Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil prestou-lhe, de imediato à notícia do seu falecimento, um respeitoso minuto de silêncio, por proposta da Grande Loja do Estado de Goiás, com um voto de louvor póstumo à sua saudosa personalidade, cuja fidelidade à Sublime Instituição Maçônica inspira imorredoiro reconhecimento.

Intelectuais amazonenses, pela imprensa, reviveram a sua vida e a sua obra, em esplêndidas páginas de agradecimento à sua cultura.

A Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes realizou, à sua memória, uma sessão de pompas fúnebres, a 19 de agosto de 1975.

O Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, a 22 de agosto de 1975, abria as suas portas, em luto, para homenagear o grande vulto, que manteve, até a morte, permanentemente no seu coração magnânimo e na sua inteligência privilegiada o nome da Casa de Bernardo Ramos, numa dedicação de extraordinário valor humano e de intensa vibração cultural.

Por certo, em cada coração amazonense ficará uma grande saudade dedicada a quem soube cumprir a sua missão nesta vida, legando a todos os melhores exemplos, as melhores lições e as melhores nobresas, que o elevarão à luz e à glória de Deus, bem como deixando um patrimônio precioso de esperanças em melhores dias para os destinos da Humanidade, na certeza abençoada de que longe não está o amanhecer de uma nova estrela, radiante, a apontar os verdadeiros caminhos, cobertos de flores, conduzindo os homens às mais lúcidas reflexões na compreensão de que o trabalho fraternal é a alavanca propulsora do reajustamento dos espíritos, da estima recíproca, da cordialidade manifestada por gestos e ações e do impulsionamento econômico e político de todos os povos.

Agnello Bittencourt soube distinguir-se como um mestre na grade obra de construção social, deixando o seu nome bem gravado na memória dos homens do seu tempo e que passará à posteridade, pois que se exaltou diante de grandes e pequenos, conduzindo-os com superior educação, zeloso de sua conduta, respeitando os direitos alheios e compreendendo a coletividade, com tolerância e cortesia na convicção de que estas características são indispensáveis à segurança do equilíbrio social.

Primou pela garantia da justiça, pela confiança recíproca, pela deserção aos prazeres materiais e pela serenidade de sua formosa individualidade.

Foi, na terra amazonense, onde nasceu, um dos filhos que se tornou querido pelo amor que a ela dedicou, pelo trabalho que nela empregou e pela confiança que nela soube depositar, mesmo nos momentos de crise, crendo no seu futuro progresso junto à grandeza do surto desenvolvimentista nacional.

A sua figura passa à história como a de um herói que venceu todas as tertúlias pela sapiência e pela generosidade, agora na moldura de ouro fino, não para ofuscar os olhos e sim para iluminar a inteligência na compreensão de que cada qual deve ser digno do gênero humano.

# Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

**Contato**

**E-mail : acervodigitalsec@gmail.com**

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura